



CELEBRAÇÃO DO ANO PAULINO

A VOCAÇÃO CRISTÃ EM SÃO PAULO

Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada

Igreja da Encarnação, 5 de Fevereiro de 2009

1. **Introdução.** O Ano Paulino, iniciado no passado dia 29 de Junho e que terminará em igual data deste ano, é uma excelente oportunidade para aprofundar o nosso conhecimento sobre a vida e a missão do Apóstolo das Gentes, não apenas com o intuito de satisfazer uma mera curiosidade intelectual, mas sobretudo com o propósito de aprender de São Paulo o significado e exigência da vida cristã.

Inserindo-se esta acção de formação no contexto das actividades promovidas pela Lugar-Tenência da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, à qual cumpre agradecer o honroso encargo, esta reflexão, bem como as que sobre o mesmo tema se seguirão, procurará proporcionar às Damas e Cavaleiros da nossa Ordem matéria para a sua oração pessoal e para o incremento do seu empenhamento apostólico na missão evangelizadora da Igreja.

2. **A vocação cristã, um chamamento de Deus.** É de todos bem conhecido o relato da conversão de Saulo de Tarso, que São Lucas transcreve no capítulo 9 dos Actos dos Apóstolos, versículos 1-19. O carácter espectacular desta mudança de vida atesta, por um lado, a gratuidade da vocação cristã e, por outro, apela ao sentido de responsabilidade de quem é tocado pelo dom de Deus.

2.1. Nada há em Saulo de Tarso que indicie a sua transformação; muito pelo contrário, tudo nele parece oposto a essa possibilidade. Com efeito, intelectualmente está absolutamente convicto de que a verdadeira religião é a judaica, que cumpre



exemplarmente, sendo o Cristianismo uma seita a extinguir quanto antes; a sua vontade, determinada e firme no propósito de pôr termo à experiência cristã, não parece atreita a qualquer mudança. Não se pressente no seu carácter nenhuma indecisão ou remorso sequer da sua cúmplice participação no martírio de Santo Estêvão; pelo contrário, a sua colaboração nesse crime, por sinal a primeira notícia que de Saulo nos é dada nas Escrituras, parece ter provocado no seu ânimo uma mais firme determinação de perseguir os cristãos. Note-se que esta convicção íntima do futuro Apóstolo não é apenas uma sua ideia, mas está na base de um seu compromisso público, pois é em nome e representação do sumo-sacerdote que Saulo se dirige a Damasco, para prender e levar consigo «*para Jerusalém quantos adeptos deste Caminho encontrasse, homens e mulheres*» (Act 9, 2).

2.2. A referência a Jerusalém, que é razão geográfica, por assim dizer, da nossa Ordem, bem como a explícita alusão a homens e mulheres parece sugerir, se se me permite a consideração, a Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro. Na realidade, todos os Cavaleiros e Damas nos devemos sentir sempre em espiritual peregrinação para essa cidade santa, presos, por assim dizer, pelo suave jugo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nessa cidade nos quis deixar o seu precioso Santo Sepulcro, não porque a meta da vida cristã seja a morte, mas porque a morte vivida na fé de Cristo é porta para a eternidade, Páscoa de ressurreição. Ao ingressar nesta tão antiga e venerável instituição cristã, as Damas e Cavaleiros assumiram o compromisso de honrar e proteger os Santos Lugares, com a sua oração, o seu sacrificio, as suas esmolas e o seu trabalho, mas também de peregrinar ao longo de toda a sua vida terrena neste «Caminho», em demanda de um Sepulcro que, para o mundo, é porventura imagem do fracasso e da derrota, mas para nós, cristãos, é a valorosa insígnia da vitória da nossa fé.

2.3. Se o livro dos Actos dos Apóstolos é tão expressivo no modo de indicar a não disponibilidade de Saulo de Tarso para uma eventual conversão é precisamente para nos fazer compreender que a graça da vocação cristã não nasce dos nossos méritos, não corresponde às nossas forças nem vem ao encontro das nossas expectativas mas, pelo contrário, é única e exclusivamente uma acção de Deus, que irrompe intempestivamente nas nossas vidas como realidade do infinito Amor que nos escolhe e abraça no dom da fé. Por isso, São Paulo, já cristão, permitir-se-á a “ vaidade ” de uma e



outra vez insistir na sua indignidade, na desproporção entre a sua vida e a graça da sua conversão, precisamente para sublinhar que a razão da nossa condição cristã é única e exclusivamente o amor de Deus, que nos foi manifestado em Cristo Nosso Senhor. É este também o sentido da predestinação (cfr Ef 1, 3-14), que na teologia paulina, como aliás no pensamento cristão, não é um destino que se cumpre inexoravelmente, nem uma espécie de fatalidade astral a que a criatura não pode escapar, mas um desígnio de amor a que o ser humano, todo o ser humano, é chamado em Cristo Nosso Senhor. De modo análogo a como na parábola do filho pródigo, ambos os filhos carecem a graça da conversão, que aos dois é por igual oferecida pelo Pai rico em misericórdia, também todos os homens necessitam absolutamente da graça de Deus, sem a qual não há possibilidade de salvação. E como esse dom não pode ser merecido pela criatura, houve Deus por bem fazer-se homem e padecer pela nossa salvação: é também um recorrente ensinamento paulino a centralidade do mistério da paixão e morte de Cristo como causa eficiente da redenção. Se é Deus quem salva, a redenção vem por Cristo Nosso Senhor, pelo mérito da sua Santíssima Humanidade, à qual devemos o merecimento que nos fez capazes da graça da salvação. Por isso também, a insistência litúrgica que, invariavelmente, conclui as suas preces com a conhecida fórmula cristocêntrica. «*Por Cristo Nosso Senhor*».

2.4. Muito embora todas as Damas e Cavaleiros da nossa Ordem tenham provado reunir as condições necessárias para nela ingressar, bom seria que não considerássemos uma tal circunstância como devida às nossas qualidades ou, pior ainda, como se uma tal pertença pudesse ser motivo para o nosso orgulho ou vã complacência. A verdade é diametralmente oposta: Deus Nosso Senhor chamou-nos para este serviço, não porque somos os melhores, como também Saulo de Tarso o não era, mas precisamente porque somos os menos dignos e, por isso, os que melhor podem atestar que todo o bem que a Ordem realiza, não a realiza pelos seus membros, nem em virtude das suas qualidades pessoais, mas pela infinita misericórdia de Deus, que se quer servir de instrumentos desproporcionados, precisamente para que se veja que é sua a empresa sobrenatural que procuramos realizar (cf. 1Cor 1, 26-31).

2.5. Há uma insígnia comum a todos os Cavaleiros e Damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro que tem, a meu ver, um muito eloquente sentido espiritual: o manto ou



capa. É verdade que pode ser visto como o resultado histórico do hábito religioso, como expressão da nossa condição militar, ou ainda como digna e nobre veste coral, adequada à magnificência das celebrações litúrgicas em que corporativamente a nossa Ordem participa. Mas, para além destas razões históricas, talvez não seja descabido ver nos nossos mantos uma reminiscência daqueles que foram postos sobre o burrinho que serviu de trono a Jesus Cristo na sua entrada triunfal em Jerusalém (Mt 21, 1-11; Mc 11, 1-11; Lc 19, 29-38; Jo 12, 12-19). Que os nossos mantos ocultem também a vergonha das nossas misérias e façam de cada um de nós um menos indigno transporte de Nosso Senhor, que também se quer servir de nós para que o mundo O conheça e aclame! E, se porventura o entusiasmo dessas multidões ameaçar a nossa humildade, recordemos na nossa oração o cântico virginal do *Magnificat*, em que a Mãe de Deus, já depois de elevada a essa excelsa condição, atribui à baixeza da sua condição a graça da sua eleição (cf. Lc 1, 46-55).

2.6. Se é verdade a total falta de merecimento de quem recebe a graça da vocação cristã, como o caso de São Paulo tão extraordinariamente evidencia, também é certo que, mesmo não podendo o homem alcançar por si mesmo a conversão, nem obtê-la para outrem, pode contudo impetrar essa graça a Deus. São Lucas refere, como já se teve ocasião de recordar, as disposições de Saulo antes da sua conversão, precisamente para atestar a total desproporcionalidade entre o seu estado de alma e a graça que lhe foi concedida. Mais ainda, para vincar a gratuidade do dom, refere explicitamente a presença de Saulo no martírio de Estevão, não apenas como mero espectador, mas como cúmplice, senão mesmo autor do homicídio de que foi inocente vítima aquele protomártir. Mas também é verdade que o mesmo evangelista anota a oração de Estêvão pelos seus perseguidores, oferecendo por eles a sua morte no mesmo momento em que lhes procura alcançar a graça da absolvição divina (cfr. Act 7, 60). Portanto, em certa medida, pode-se afirmar que a conversão de Saulo, ainda que dom divino absolutamente imerecido, foi precedida pela oração e pelo sacrifício de Santo Estêvão, que se «vingou» dos seus carrascos rezando por eles e pedindo a Deus que sobre eles fizesse recair a Sua divina misericórdia.

2.7. São muitos abundantes os casos de conversões obtidas, por assim dizer, por intercessão de almas santas que se ofereceram para expiar os pecados daqueles cuja



salvação tão porfiadamente obtiveram do Céu. O caso de Santo Agostinho é, talvez, paradigmático, na medida em que ficaram célebres as orações e lágrimas de sua Mãe com este santo propósito, que chegou a ver realizado aqui na terra, antes do seu falecimento. Também se sabe que Santa Teresinha do Menino Jesus, ainda adolescente, pediu fervorosamente a conversão de um famoso criminoso, Pranzini, que, momentos antes de ser guilhotinado, beijou um crucifixo e que, por este sinal, a santa de Lisieux sempre considerou o seu «primogénito».

Vem, por isso, a talho de foice recordar que a nossa Ordem é militar na sua génese e também na sua essência. Mas quais são as armas dos actuais Cavaleiros e Damas do Santo Sepulcro de Jerusalém? Não decerto as ofensivas, mas as espirituais, a oração e o sacrifício, nomeadamente no empenho por alcançar a graça da conversão de quantos, como Saulo de Tarso, percorrem ainda os caminhos da terra cegos pelo ódio e pela ignorância de Deus.

3. **Uma vida nova.** Mas, o que é ser cristão? Que significou para Saulo aquele encontro com Cristo na estrada de Damasco? É a conversão cristã apenas uma luz intelectual que esclarece quem está no erro ou, pelo contrário, uma força sobrenatural, que dá um novo sentido à existência humana? É uma veste que se põe e tira, como quem muda de fato, ou uma realidade mais profunda, que se enraíza no coração e na mente humana?

3.1. A conversão cristã não é apenas uma alteração acidental ou um mero melhoramento circunstancial, mas está chamada a ser uma transformação radical, no sentido de uma nova vida que, por isso mesmo supõe, uma morte precedente e um renascimento posterior. É neste sentido radical que Jesus explica a Nicodemos a transcendência existencial da nova condição do crente, que é, por assim dizer, uma nova pessoa, que recebe em Cristo uma nova identidade. Na teologia paulina é relativamente frequente a expressão «homem velho», como antípoda do «homem novo», o nascido da graça do baptismo. O próprio Saulo, aliás como muitos outros antes e depois dele, alteraram até o seu nome próprio, significando deste modo que a sua actual existência não era apenas a continuidade histórica da anterior, mas sofrera uma alteração tão substancial que só poderia ser designada com verdade se atribuída a um novo nome.



3.2. A conversão é também obra da liberdade humana. Santo Agostinho gostava de dizer: Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti. Ou seja, nós, que não fomos tidos nem achados no processo da nossa criação, não poderemos ser salvos senão através da nossa libérrima adesão à graça de Deus e também às suas implicações na nossa vida. É verdade que Saulo não podia ter evitado a luz fulgurante que o cegou no caminho de Damasco, nem podia silenciar a voz que então o interpelou, mas também é certo que poderia entender que aquele fenómeno mais não era do que um transtorno momentâneo, porventura devido à temperatura ou ao cansaço. Nada nem ninguém o obrigou a mudar de vida, era livre de pedir ou não a graça do baptismo, que poderia ter evitado até com a desculpa de que um dom que o deixara cego não parecia muito credível, pelo menos em termos humanos. Por outro lado, indo ele em função oficial e mandatado pelo sumo-sacerdote, uma tamanha reviravolta na sua vida poderia ser vista como falta de carácter, como traição susceptível de ser punida pelo menos com o mesmo castigo que ele queria aplicar aos cristãos. Sendo também uma questão de tanta transcendência, parecia prudente que não se decidisse no acto, pois seria mais sensato que, naquele estado de óbvia exaltação emocional, não tomasse nenhuma resolução definitiva. Razões sem razão que, muitas vezes, mais não são do que tentações que nos procuram desviar do nosso caminho cristão. A resposta de Pedro e João, a resposta de Paulo e de tantos outros que, ao longo de dois mil anos de Cristianismo, também seguiram o Cordeiro de Deus, deve ser imediata, não apenas na aceitação de palavra, mas com obras e de verdade.

3.3. Ser cristão é viver a vida de Cristo. Para Paulo, muito embora o seu conhecimento empírico de Jesus Cristo tenha sido tão breve quanto foi breve o diálogo verificado por ocasião da sua conversão, não há qualquer dúvida quanto à essência da sua nova vida: *«estou pregado com Cristo na Cruz; vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. A vida com que vivo agora na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a Si mesmo por mim»* (Gal 2, 19-20). Ser cristão é ser Cristo, *«alter Christus, ipse Christus»*: outro Cristo, o mesmo Cristo! Não estranha, portanto, que alguém olhando fixamente para o rosto fotografado de Santa Teresinha do Menino Jesus, pudesse comentar que estava a ver o rosto de Cristo na face de uma mulher. Os bem-aventurados não atraem por si mesmos, mas na medida em que são cópias



fidedignas de Nosso Senhor e, por isso também, o culto que se lhes presta, é verdadeira devoção cristã: admira-se no efeito a perfeição da causa.

3.4. Ser Cristo é ser filho de Deus. É sabido que a filiação divina é o título que consubstancia o que Paulo designa «a liberdade gloriosa» a que foram chamados os cristãos. Também em textos joaninos, nomeadamente no prólogo do quarto Evangelho e na sua primeira epístola, a filiação divina é referida no mesmo sentido, ou seja, como a realidade da nova relação do homem com o seu Criador. Deus já não é apenas o Senhor, o Criador cujo poder se admira mas também se teme, o Senhor dos Exércitos que se invoca em caso de necessidade mas cujo santo nome o judeu observante não se sente digno de pronunciar. Na nova aliança, Deus é Pai amorosíssimo e é portanto com esse título familiar que deve se tratado pelos cristãos: *«Quando orardes, dizei: Pai...»* (Lc 1, 2). São Paulo desenvolve de forma esplêndida este conceito de filiação divina no capítulo 8 da epístola aos Romanos, que se conclui com um triunfal hino ao invencível amor de Cristo: *«Quem nos separará pois do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (...) mas de todas estas coisas saímos mais do que vencedores por Aquele que nos amou. Porque eu estou certo que nem a morte nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura nos poderá separar do amor que Deus nos manifesta em Cristo Jesus, Senhor Nosso»* (Rom 8, 35. 37-39).

3.5. Ser cristão é ser templo do Espírito Santo. A filiação divina não pode ser contudo entendida ao jeito de um antigo pergaminho de família, uma glória passada que não tem já nenhuma incidência prática. Pelo contrário, a filiação divina deve ser vivida na escuta do Mestre e na docilidade ao seu Santo Espírito. Por isso também as parábolas que ajudam a compreender que o filho não é apenas aquele que foi gerado pelo pai, nem aquele que vive materialmente na sua casa, mas não comunga do amor paterno por todos os seus filhos pródigos, nem também aquele que responde afirmativamente aos pedidos do Pai, mas depois não faz a sua vontade... A filiação implica dedicação e entrega, fazer as obras do pai, trabalhar, com alegria, na sua vinha, identificar-se com os seus desígnios, mesmo quando os mesmos possam acarretar sofrimento e, até, a morte, como em Cristo, o Filho muito amado em Quem o Pai pôs todas as suas



complacências. *«O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; pois sofremos com Ele, para sermos também com Ele glorificados»* (Rom 8, 16-17).